

## A superficialidade da cobertura sobre racismo no futebol feita pelo jornalismo esportivo televisivo<sup>1</sup>

### *The superficiality of coverage on racism in football made by television sports journalism<sup>1</sup>*

Emerson Maciel ESTEVES<sup>2</sup>  
Vitor Curvelo Fontes BELÉM<sup>3</sup>

#### Resumo

O Jornalismo esportivo cada vez mais vem abordando questões referentes ao racismo no esporte e mais precisamente o futebol. Isso se deve também pela consolidação do Observatório da Discriminação Racial do Futebol enquanto referência na catalogação e veiculação de incidentes raciais no esporte. Tendo em vista o contexto racial do Brasil e das características do fazer jornalismo esportivo. O objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma o jornalismo esportivo da televisão tem abordado os casos de racismo no futebol brasileiro em suas matérias. A metodologia adotada é a Análise de Conteúdo. Após a análise é possível identificar que, no geral, embora os casos de racismo no futebol sejam o centro das reportagens existe uma superficialidade no tratamento do tema.

**Palavras-chave:** Jornalismo esportivo. Racismo. Futebol.

#### Abstract

The Sports Journalism, a segment of journalism that covers sports competitions daily and deals with the passions of fans, is increasingly addressing issues related to racism in sports and more precisely football. This is also due to the consolidation of the Observatório da Discriminação Racial do Futebol as a reference in the cataloging and broadcasting of racial incidents in sport.. Bearing in mind the racial context of Brazil and the characteristics of sports journalism. The general objective of the research is to understand how television sports journalism has approached cases of racism in Brazilian football in its articles. The methodology adopted is Content Analysis. After the analysis, it is possible to identify that, in general, although cases of racism in football are the center of the reports, there is a superficiality in the treatment of the topic.

**Keywords:** Sports journalism. Racism. football.

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Pele alva pele alvo: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol” defendido e aprovado junto ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe em 2020.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS). E-mail: emersonmesteves@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: vitorcfb@gmail.com

## Introdução

A discussão sobre o racismo no futebol tem ganhando cada vez mais relevância e espaço nos noticiários esportivos do Brasil. O fenômeno do racismo no território brasileiro possui dimensões e aspectos definidos a partir de nossa formação sócio-histórica. A partir de outro elemento, a televisão, e a forma de se fazer jornalismo nessa mídia, o objetivo desta pesquisa é compreender de que forma o jornalismo esportivo televisivo tem abordado a temática do racismo no futebol brasileiro em suas matérias.

Dados quantitativos do Observatório da Discriminação Racial do Futebol revelam que ano após ano novos casos de suspeita de racismo no futebol têm sido catalogados. Segundo o Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol, em 2019<sup>4</sup>, 67 ocorrências foram listadas, número que revela uma tendência de crescimento se comparado aos anos anteriores: 2018<sup>5</sup> (44 incidentes), 2017<sup>6</sup> (43 incidentes), 2016<sup>7</sup> (25 incidentes). A partir do processo sistemático da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), códigos de análise foram construídos afim de avaliar de que forma o jornalismo esportivo praticado na televisão tem pautado a situação em suas matérias.

Nesta pesquisa 12 matérias televisivas, entre os anos de 2016, 2017 e 2018, foram analisadas, sendo elas fontes retiradas diretamente dos Relatórios do Observatório da Discriminação Racial do Futebol. O percurso da pesquisa envolve a pesquisa exploratória no campo afim de registrar um quadro teórico com produções científicas que tratem sobre a temática do racismo no Brasil e no futebol, além da caracterização do jornalismo esportivo. Ao final, os códigos de análise foram submetidos ao objeto de estudo – as matérias televisivas – com o intuito de produzir resultados, inferências e novas

---

<sup>4</sup> Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol de 2019: disponível em [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2019/RELATORIO\\_DISCRIMINCAO\\_RACIAL\\_2019.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2019/RELATORIO_DISCRIMINCAO_RACIAL_2019.pdf), acesso em 11 de maio de 2022.

<sup>5</sup> Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol de 2018: disponível em [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO\\_DISCRIMINCAO\\_RACIAL\\_2018.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINCAO_RACIAL_2018.pdf), acesso em 11 de maio de 2022.

<sup>6</sup> Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol de 2017: disponível em [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO\\_DISCRIMINCAO\\_RACIAL\\_2017.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO_DISCRIMINCAO_RACIAL_2017.pdf), acesso em 11 de maio de 2022.

<sup>7</sup> Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol de 2016: disponível em [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2016/RELATORIO\\_DISCRIMINCAO\\_RACIAL\\_2016.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2016/RELATORIO_DISCRIMINCAO_RACIAL_2016.pdf), acesso em 11 de maio de 2022.

perspectivas para a cobertura do jornalismo esportivo diante de situações de racismo no futebol.

### **Dimensões do racismo no Brasil**

Compreender as dimensões, especificações e características do racismo é um exercício orientado a partir de alguns conceitos. Um deles, que permeia boa parte da discussão, é o de raça. No contexto do presente estudo, a raça pode ser entendida como uma construção social que procura validar projetos de dominação que se baseiam na hierarquização entre grupos sociais com base em suas características físicas (MOREIRA, 2019). Além de fomentar a hierarquização, o grupo dominante tipifica estereótipos, que criam fatores de inferiorização e um parâmetro social a ser seguido. Como Almeida (2017, p. 38) frisa:

A raça é um conceito construído pela burguesia para desenhar, no campo das ideias, construções que falseiam a realidade, pois o racismo e seus derivados não apresentam nenhuma validade científica. Com esse sistema de supremacia racial um ideal de branqueamento ganha centralidade e que carrega em seu bojo representações negativas sobre a população negra. Animalização, bestialização e irracionalidade são alguns dos estereótipos evocados para caracterizar a inferioridade da população negra. A branquitude, por seu turno, servirá de parâmetro distintivo universal.

Um outro termo presente na discussão e que se faz necessário a delimitação é o de branquitude, que pode ser entendida como um “lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade” (BENTO, 2002, p. 7). Esse grupo que é baseado na raça, goza de privilégio social, econômico, político, estético, cultural. No processo interno existe uma espécie de “pacto”, que nada mais é do que um “acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (BENTO, 2002, p. 6).

Para conceituar academicamente e trazer apontamentos sobre o conceito de racismo, é necessário enfatizar seu caráter dinâmico. Dessa forma, ele vai expressar especificações do contexto sociocultural e da formação racial da sociedade ao qual ele é alvo de estudo (MOREIRA, 2019). Para essa pesquisa a abordagem da ótica do jurista,

filósofo e professor brasileiro Silvio Luiz de Almeida em seu livro “Racismo Estrutural” (ALMEIDA, 2019), foi escolhida. Vale mencionar que existem outras sistematizações e definições dos conceitos referentes a raça, racismo e no Brasil. O objetivo não é criar hierarquias sobre elas, mas sim, articular as ideias apresentadas para um debate do tema no contexto do Brasil.

Na perspectiva de Silvio Almeida (2019), o racismo pode ser entendido a partir dos aspectos individualista, institucional e estrutural. Elas se relacionam respectivamente a partir dos seguintes critérios: relação entre racismo e subjetividade; relação entre racismo e Estado; relação entre racismo e economia.

Na concepção individualista, segundo Almeida (2019) o racismo é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético e psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. “Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de ‘racismo’, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza patológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política (ALMEIDA, 2019, p. 36).

A segunda concepção descrita pelo autor é a institucional. Sob essa perspectiva o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como resultado do funcionamento das instituições que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2019). Miles e Brown (2004) solidificam o conceito de “racismo institucional” sob a forma de qualquer ação, sistematicamente prejudicial a um grupo racial, seria racista independentemente se tal reivindicação é ou não justificada por uma motivação refletida ou ideológica para a ação (ou inação).

Almeida (2019) retrata que a desigualdade racial é caracterizada não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas sim através da presença de determinados grupos raciais (Branquitude) no poder das instituições irá refletir em ações institucionais para manter os seus interesses políticos e econômicos. Isso resulta em processos em que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo (branco) tornem-se horizonte civilizatório do conjunto da sociedade.

Em sua terceira concepção, o racismo estrutural, o autor complexifica ainda mais o conceito e eleva o grau de percepção do fenômeno a um patamar mais profundo do que meramente individualista e institucional. Segundo Almeida (2019, p. 46)

Se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar. Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar também parte dessa mesma estrutura.

Essa normalização do racismo nas estruturas pode ser ainda mais agravada caso as instituições não tratem de forma ativa o problema da desigualdade racial e também caso não possuam códigos de conduta antirracistas em suas organizações internas. O comum é que ocorra a reprodução de práticas racistas tidas como “normais” em toda sociedade, caso esses mecanismos de controle ao racismo não sejam ativados (ALMEIDA, 2019). De acordo com o autor, tais situações se tornam uma “correia de transmissão de privilégios”:

É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada a fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. (ALMEIDA, 2019, p. 48)

O uso da piada, da falsa cordialidade e do entretenimento como forma de perpetuar o racismo é uma das características do racismo no Brasil. Para esta modalidade, Moreira (2019) concebe o conceito de “Racismo Recreativo”. De acordo com o autor, ele: “possibilita a perpetuação da falsa representação de relevância do racismo no nosso país ao classificar piadas racistas derogatórias sobre negros como atos que não expressam desprezo ou condescendência” (MOREIRA, 2019, p. 151).

Inserida na dimensão institucional do racismo, a modalidade recreativa se configura a partir de premissas específicas da cultura brasileira: ideia de cordialidade do

nosso povo; busca gratificação psicológica dos membros do grupo social dominante por meio da afirmação da suposta inferioridade de minorias raciais; possui caráter estratégico (MOREIRA, 2019).

### **Expressões do racismo no futebol**

Conforme Joel Rufino dos Santos (1984) aborda, o futebol é uma lente importante para analisar a questão racial no Brasil. Porque embora ser jogador de futebol seja um “papel destinado”, pré-determinado ou até mesmo esperado, pela branquitude para que o negro brasileiro desempenhe, esse espaço deixa evidente diversas dimensões do racismo no Brasil.

O ambiente de competição como é o esporte, e mais precisamente o futebol, no Brasil revela a manifestação do racismo sutil ou “zelosamente guardado”, como também expressões explícitas e diante, por exemplo, em situações de derrota/eliminações (SANTOS, 1984). Se vence, o gingado, o drible, o porte físico – qualidades que historicamente são atreladas atletas negros – e a qualidade técnica não são questionados, mas se perde, a culpa está na cor. É possível afirmar que esse processo é histórico e socioeconômico e reflete a própria trajetória do futebol no Brasil. (SANTOS, 1984).

A chegada do esporte em 1894, pelos brasileiros e filhos de britânicos Charles Muller e Oscar Cox, inicialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, foi imersa a desigualdades e refletiu as questões raciais e sociais do período (HELAL; GORDON, 2007). Em um contexto de recente abolição da escravidão no país, a prática do esporte foi restrita inicialmente a uma elite financeira e que por consequências diretas de contexto racial da época, aos brancos.

O futebol absorveu direta e indiretamente a herança colonialista e escravista e isso fez com que os aspectos institucionais e estruturais do racismo se tornassem limitadores para a prática do futebol masculino por homens negros. Por isso no solo brasileiro, durante os primeiros anos de sua existência, o futebol foi uma prática elitista, racista e excludente, reproduzindo constantes estruturais de nossa formação. O racismo foi um dos traços mais marcantes na conjuntura inicial do futebol brasileiro, ele atuou acoplado a um elitismo social e cultural flagrantes na concentração de rendas, de poder e de oportunidades. (HELAL e GORDON, 2007)

A inserção de atletas negros nas grandes praças e nos grandes clubes teve muita resistência. Existia uma exclusão racial regulamentada nos campeonatos. Em 1907, a Liga Metropolitana de Football (equivalente à atual FERJ) publicou uma nota proibindo o registro de “pessoas de cor” como atletas amadores de futebol. O Bangu, time que possuía um quadro de jogadores com considerável número de jogadores negros – que também eram operários – abandonou a disputa da competição naquele ano (CARVALHO, 2018).

Um outro momento marcante que revela o aspecto do racismo institucional e estrutural na prática do futebol no Brasil aconteceu em 1921. O então presidente da República, Epitácio Pessoa, se reuniu com diretores da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) – atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF) - para solicitar que apenas jogadores de “pele mais clara” e “cabelos lisos” fossem convocados para o campeonato Sul-americano do mesmo ano. Além do pacto pela branquitude, que permeia também questões estéticas, essa foi uma clara demonstração de como a elite administrativa do futebol tentava expulsar negros da prática do esporte e manter uma visão mais embranquecida possível de seu povo para o exterior (CARVALHO, 2018).

A tentativa de embranquecer por parte de jogadores negros é outro elemento presente nesses primeiros anos da prática do futebol no Brasil. Um exemplo disso é do atleta do Fluminense, Carlos Alberto, também conhecido como “pó de arroz” (CARVALHO, 2018). No clube de elite da zona sul do Rio de Janeiro, o jogador entrava em campo coberto de pó de arroz no rosto para transparecer ser o mais branco possível. Com o andamento da partida e o suor produzido pelo corpo, o pó de arroz escorria por seu rosto. Mais uma característica do racismo brasileiro que pode ser visualizado do futebol: a negação da própria negritude. Neste contexto, todo mundo queria de alguma forma “embranquecer” para atender a um ideal da branquitude, seja do ponto de vista físico, seja moral. (HELAL e GORDON, 2007).

### **Características do jornalismo esportivo**

Para além de “cumprir o seu papel de estimular as novas vocações e de valorizar o espírito de competição” (BUENO, 2005, p. 21), o jornalismo esportivo é uma área de especialização do jornalismo que lida diretamente com um tema repleto de paixões, subjetividades e que mobiliza milhões de pessoas em todo Brasil. Desta forma, o fazer jornalismo nesse segmento baseia suas narrativas na emoção do próprio objeto do campo.



Esta é a área do jornalismo que lida diretamente com as paixões do torcedor, do amante do esporte, existe a necessidade de fazer com que a audiência se emocione (LOVISOLO, 2011). Porém, assim como outras especializações do campo, como o jornalismo político, cultural ou econômico, o jornalismo esportivo em tese deve respeitar diretrizes basilares do fazer jornalismo. Entretanto, é nas peculiaridades e flexibilidades que a narrativa do segmento possui que podemos enxergar as principais características do jornalismo esportivo.

Para Bernal (apud MONTÍN, 2008) é possível identificar cinco aspectos do jornalismo esportivo praticado no século XXI. O primeiro se relaciona ao espaço majoritário que o futebol tem na cobertura esportiva diária. Em muitos programas temáticos, o assunto predominante é o futebol masculino, sem muita abertura para outras modalidades. Um segundo elemento importante é o superdimensionamento dos acontecimentos, ele reflete sobre os tensionamentos e a relevância que é dada pela narrativa do jornalismo esportivo para alguns acontecimentos do esporte. Por exemplo, um pênalti perdido pelo craque do time na grande final que resultou na perda do campeonato ou ainda a transferência bem sucedida e inesperada de um jogador para o maior rival.

Um terceiro aspecto que caracteriza o jornalismo esportivo é o seu vocabulário próprio. A utilização de jargões esportivos, o uso excessivo do superlativo e dos adjetivos, além da flexibilização da utilização de figuras de linguagem para contar a história de uma partida (como por exemplo; time grande vs time pequeno: Golias x Sansão) são elementos constituintes do jornalismo esportivo. Em muitos casos, a liberdade para a construção narrativa pode tender para uma linguagem que se aproxime da agressividade. Não é difícil ver debates exaltados por comentaristas, analistas esportivos, ex-jogadores e outros atores do campo sobre algum aspecto do jogo.

Um quarto componente deste segmento do jornalismo é a capacidade de criação de personagens (heróis e vilões) em suas narrativas. Jogadores que se destacam costumam ocupar um status de heróis, já o jogador que não entrega o desempenho esperado e até mesmo prejudica seu próprio clube é visto como o vilão. Nas narrativas jornalísticas do esporte, a crônica esportiva ganha um espaço de bastante influência nas produções. O autor aponta ainda na inclusão de aspectos que à primeira vista não condizem com a prática esportiva. É onde é impossível observar a interdisciplinaridade da construção narrativa do jornalismo esportivo. Histórias de vida, aspectos peculiares de algum aspecto



do contexto sociocultural que envolve o jogo ou ainda como o esporte explicar fenômenos do mundo social, são alguns dos exemplos que rotineiramente são desenvolvidos pelo segmento (BERNAL *apud* MONTÍN, 2008).

Para além dessas propriedades que compõem o jornalismo esportivo, alguns autores são críticos a forma como o entretenimento tem ganhado um espaço cada dia mais dominante em detrimento da informação. Bourdieu (1997), destaca que a espetacularização dos acontecimentos esportivos passou a ser o principal atributo para se definir as notícias. Para ele, este pode ser um movimento que instaura uma lógica de informação-entretenimento dentro do jornalismo esportivo. Coelho (2008) também avalia que em muitas oportunidades a informação esportiva fica em segundo plano em detrimento da necessidade de se promover o espetáculo. Para ele, o produto - fruto de alto investimento das concessões de direitos de transmissão, por exemplo - necessita ter um retorno, um lucro, o que em algum grau interfere na construção da narrativa que se prenda na informação.

A espetacularização dos eventos esportivos citados por Bourdieu (1997) foram intensificados no contexto da popularização da internet. Na televisão, estão acontecendo processos que fazem com que o jornalismo esportivo se reconfigure na mídia. Espaço de tela para programas focados na temática, a cobertura de determinados eventos e o direito de exibição de competições, além claro das características do fazer jornalismo esportivo, na televisão, aspectos importantes devem ser levados em consideração. (BOURDIEU,1997)

### **Uma análise de conteúdo sobre a cobertura do jornalismo esportivo televisivo sobre casos de racismo no futebol (2016-2017)**

O Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol, produzido pelo Observatório da Discriminação Racial do Futebol, foi a principal fonte para a filtragem e obtenção do material de análise. Através do documento chegou-se ao resultado de 12 reportagens audiovisuais espalhadas entre os anos de 2016, 2017 e 2018. O recorte por esse triênio foi justificado pela maior disponibilidade dos conteúdos na internet. Os 12 casos analisados foram divididos da seguinte forma: 4 casos correspondem ao ano de 2016 e 8 casos ao ano de 2017. Em 2018, embora fosse o ano com mais casos de suspeita

de racismo catalogado pelo Observatório na época, com 44, no que tange fontes audiovisuais não houve nenhuma fonte identificada pelo projeto disponível para o acesso.

Para a análise de conteúdo, foram definidas 16 unidades de registro que foram instrumentos fundamentais para a observação descritiva, quantitativa e qualitativa do objeto de estudo. Elas estão subdivididas em três categorias: unidades referentes ao caso de suspeita de racismo no futebol, unidades referentes a atuação jornalística, unidades referentes ao racismo. As unidades referentes ao caso de suspeita de racismo se referem a descrição de onde a matéria jornalística foi obtida e detalhes técnicos gerais do material: Título da matéria (1); descrição do Caso (2); ano de publicação (3) e qual foi o veículo que transmitiu a matéria (4).

As unidades referentes a atuação jornalística dialogam diretamente com características e elementos do fazer jornalismo, tendo em vista a mídia televisiva: Tempo da matéria (5); o Formato/Gênero identificado (6); se houveram Fontes entrevistadas (7); se as vítimas foram ouvidas (8); se conteúdo informa sobre a lei de racismo/injúria racial (9); se conteúdo informa sobre outros casos de racismo no futebol (10); se o texto do jornalista apresenta adjetivos (11); se sim quais são eles (12; item condicionado ao anterior) se o caso de suspeita de racismo é o gancho principal da matéria (13).

As unidades referentes ao caso de racismo procuram detalhar sobre as características e os elementos que compõem a situação: Quem foi(ram) a(s) vítima(as) (14), sobre o quê ato racista remete (15); se atitude racista ocorreu paralela a uma situação de derrota (16); O preenchimento do livro de códigos de acordo com as unidades de registro descritas anteriormente foi sucedido pela etapa de inferências (BARDIN, 1977). Para verificar de que forma o jornalismo esportivo aborda casos de racismo no futebol, a pesquisa se debruçou para trazer resultados quanti-qualitativos no que tange as unidades referentes a atuação jornalística principalmente, muito embora as outras duas unidades sejam importantes descrições sobre o contexto do caso, como também, características do racismo no futebol brasileiro descrito nas matérias.

Figura 1: Resultados gerais da análise



Fonte: Autoria própria

## Conclusões

Embora os casos de suspeita de racismo no futebol tenham sido o gancho principal das matérias analisadas, 9 das 12 matérias (75%) tiveram o relato do caso de suspeita de racismo como o assunto principal, a pesquisa apontou para uma insuficiência, superficialidade e a falta de reconhecimento do racismo enquanto crime tanto na esfera civil/criminal quanto na desportiva pelos materiais analisados, tendo em vista os recortes propostos. Foi comum que as matérias veiculassem cada novo caso de racismo no futebol como se fosse o primeiro. Ou seja, o tratamento dado foi de pontualidade e do isolamento do caso abordado em relação a um histórico de casos de racismo no futebol e no contexto da sociedade brasileira. A análise apontou que 11 das 12 (91%) matérias não fizeram qualquer menção e/ou relação com outros casos de racismo. É possível dialogar com a bibliografia nesse ponto e destacar como o racismo é tido no contexto brasileiro enquanto um fenômeno episódico e individual, desconsiderando ou em muitos casos negando sua faceta institucional e estrutural (ALMEIDA, 2019).

Sobre a atuação do jornalismo esportivo no tratamento da cobertura do racismo no futebol é interessante destacar ainda que em metade das matérias investigadas não houve entrevistas com as vítimas dos casos noticiados. Um dado ainda mais crítico foi a ausência de fontes competentes da área que pudessem colaborar com o aprofundamento e a complexificação do tema relacionado ao futebol. Por exemplo, sobre o fator do racismo em si, apenas um ator do campo jurídico foi ouvido em todas as matérias.

Essa unidade se relaciona diretamente com a ausência da menção que o crime racismo/injúria racial é previsto tanto na legislação federal brasileira quanto na Justiça Desportiva. Apenas 4 das 12 matérias citaram a gravidade da suspeita de caso do racismo no futebol e relacionaram diretamente com a penalização prevista em lei. E dessas 4 cabe mencionar ainda que em 3 coube ao comentarista esportivo ou ao âncora do programa temático “opinar” sobre o tema e destacar em sua fala a necessidade de combater o racismo atrelado a previsibilidade constada em lei, apenas em 1 matéria o dado foi trazido diluído na informação do repórter.

Um outro elemento que foi objeto de análise foi o texto do jornalista esportivo utilizado para referenciar o caso de racismo no futebol. Como a bibliografia aponta, a flexibilidade da narrativa do jornalismo esportivo permite que haja possibilidade de introduzir adjetivos, superlativos e figuras de linguagem para contar a história no segmento (BERNAL *apud* MONTÍN, 2008). A análise apontou para o uso quase que em 100% (11 das 12 reportagens) das matérias de adjetivos e superlativos por parte dos jornalistas. Uma reflexão importante é que embora seja comum uma linguagem que dialogue com o entretenimento neste campo de especialização, quando inserido no contexto do racismo no futebol ele causa um efeito que transmite pouca profundidade no diálogo produzido.

Frases como "Triste tema", "Polêmica", "O lado triste do esporte", "Uma situação muito triste para o futebol", "Isso não é bacana", foram obtidas através dessa unidade de análise e seu efeito é insuficiente para demonstrar a profundidade e a complexidade do racismo no futebol e no Brasil. Além do que, se aproxima das noções de racismo enquanto patologia ou ausência de moralidade e inteligência descritas por teóricos do campo (CAMPOS, 2017; ALMEIDA, 2019), visões que não são suficientes para revelar as facetas do fenômeno no Brasil.

Características como a superficialidade em seus conteúdos já são esperadas pelo telejornalismo (PATERNOSTRO, 1999). O tempo concedido aos programas temáticos de esporte não são os maiores, visto que na TV aberta eles estão inseridos num sistema que concorre diretamente com outras produções que não necessariamente são jornalísticas. Neste contexto eles competem numa lógica de audiência (PATERNOSTRO, 1999). Logo, é importante situar alguns limitadores inerentes da produção jornalística nesta mídia e as características do fazer jornalismo nessa mídia obtidas pela análise. A pesquisa revelou que a reportagem foi o gênero mais identificado pelas matérias no

recorte concebido 5 dos 12 materiais audiovisuais analisados utilizaram este formato. A reportagem é caracterizada como uma matéria de duração maior, mais completa e complexa que os demais formatos jornalísticos informativos (REZENDE, 2009). Já o tempo de duração das matérias ficou na média de 1-3 minutos (7 das 12), que se configura dentro de um padrão característico de produções nessa mídia (PATERNOSTRO, 1999). Vale frisar que 11 das 12 reportagens analisadas foram veiculadas em programas da TV Aberta.

Para concluir, o jornalismo esportivo, assim como outros segmentos do jornalismo, pode e deve pautar discussões que eduquem e dialoguem com questões sociais e raciais presentes na sociedade. Para além de falar dos acontecimentos do jogo, das regras do esporte e de elementos característicos do campo/bola, faz-se necessário a sofisticação do tratamento de assuntos como o racismo. O jornalismo pode contextualizar, complexificar fenômenos sociais e cumprir um papel pedagógico com sua audiência. Ainda mais considerando um tema que na sociedade brasileira, por conta de processos sócio-históricos, custa a se assumir enquanto racista e ainda por vezes enxerga diversas atitudes discriminatórias como “brincadeira” ou “provocação” (MOREIRA, 2019).

## Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresárias e no poder público, São Paulo, 2002, p. 169.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BUENO, W. D. C. Chutando prá fora: os equívocos do jornalismo esportivo. In: MARQUES, J. C.; CARVALHO, S.; CAMARGO, V. R. **Comunicação e esporte**: tendências. Santa Maria: Pallotti/Intercom, 2005.

CAMPOS, L. A. **Racismo em três dimensões**: uma abordagem realística-crítica. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 32, n. 95, p. 19, 2017.

CARVALHO, Marcelo. O negro no futebol brasileiro: inserção e racismo. Geledés, 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-negro-no-futebol-brasileiro-insercao-e-racismo/>>. Acesso em: 19 de abril de 2022.

COELHO, Paulo Víncius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

HELAL, R.; GORDON, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. A invenção do país futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, v. 5, 2007. Cap. 2, p. 51-72.

LOVISOLO, H. **Jornalismo e esporte**: linguagens e emoções. Corpus et Scientia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 91-99, nov 2011.

MILES, Robert & BROWN, Michael. **Racism**. Londres, Taylor & Francis, 2004.

MONTÍN, J. M. **Imagen, comunicación y deporte**: Una Aproximación Teórica. Madrid: Vision Libros, 2008. p. 277.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2016**. Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2016/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2016.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2016/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2016.pdf), acesso: 11 de mai. 2022.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2017**. Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2017.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2017.pdf), acesso: 11 de mai. de 2022.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2018**. Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2018.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2018.pdf), acesso: 11 de mai. de 2022.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2019**. Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2019/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2019.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2019/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2019.pdf), acesso: 11 de mai. de 2022.

PATERNOSTRO, Vera. I. **O texto na TV**: o manual de telejornalismo. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REZENDE, G. J. D. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Ivair Augusto Alves. **Direitos humanos e as práticas de racismo**. Brasília: Edições Câmera, 2015.

SANTOS, Joel Rufino. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.